

# *DAS PARTES ABERTAS: ENSAIO SOBRE O GOZO DA MATÉRIA, DE JONAS SAMUDIO*

**Patrícia Resende Pereira**

Universidade Federal de Minas Gerais

patriciarpereira@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2406-647X>

**RESUMO:** A resenha tem por intuito refletir acerca do livro *Das partes abertas: ensaio sobre o gozo da matéria*, publicado pela Amitié Casa Editorial, de Salvador, pelo escritor Jonas Samudio, recentemente, em 2024. A partir da imagem de Santa Teresa d'Ávila, do escultor barroco Gian Lorenzo Bernini, do século XVII, a obra provoca uma reflexão acerca do gozo da matéria, de modo que evoca aspectos da psicanálise, da arte, do gozo e da matéria. Soma-se a isso, o fato de que a escrita é constantemente atravessada por uma voz poética, que transita por suas páginas, sem jamais dividir o mesmo espaço da escrita em prosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** gozo; matéria; arte; Santa Teresa D'ávila.

**ABSTRACT:** The text aims to reflect on the book *Das partes abertas: ensaio sobre o gozo da matéria*, written by the author Jonas Samudio and published by Amitié Casa Editorial, in Salvador, recently, in 2024. Based on the image of Santa Teresa d'Ávila, by the baroque sculptor Gian Lorenzo Bernini, from the 17th century, the book provokes a reflection on the *gozo da matéria*, in a way that evokes aspects of psychoanalysis, art, enjoyment and matter. Added to this is the fact that the book is constantly permeated by a poetic voice, which moves through its pages, without ever sharing the same space as prose writing.

**KEYWORDS:** gozo; matter; art; Santa Teresa D'ávila.

*Repetição, ainda dobra, ainda ela no seu rapto  
que fende, que abre: e diz o infinito.*

*E o infinito: o que continua,  
ainda que na interrupção.*

(Jonas Samudio)

Em certo momento do livro *Das partes abertas: ensaio sobre o gozo da matéria*, do escritor Jonas Samudio, depara-se com a belíssima descrição da escultura “Êxtase de Santa Teresa”, do artista barroco Gian Lorenzo Bernini, datada de meados do século XVII. De modo a colocar a peça diante dos olhos do leitor, a publicação evidencia detalhes da imagem, especialmente o vestido de Santa Teresa d'Ávila, em uma passagem que mistura poesia e imaginação: “nuvem de dobras, reentrância de luzes, outras luzes, elas opacas, que começa onde não terminam as nuvens. É um hábito carmelita, vestido já nuvem, e ainda não mais, e que sustenta o corpo de santa Tereza que inexistente por baixo das dobras e por elas se multiplica [...]” (Samudio, 2024, p. 62).

É assim que a obra, lançada recentemente, ainda em 2024 pela editora Amitié Casa Editorial,

de Salvador, na Bahia, convida-nos a uma reflexão acerca do gozo da matéria. Nesse processo, convém mencionar, inclusive, que a imagem de Santa Teresa d'Ávila, apresentada por Samudio, estampa a capa do volume. No entanto, como não poderia deixar de ser, encontra-se ali apenas as dobras, as voltas do tecido. Tem-se, então, um fragmento da escultura de Bernini, não ela inteira, pois, como o próprio título do livro já indica, a publicação trata das “partes abertas”, não a sua completude. É talvez por isso mesmo, ao não se revelar por completo, *Das partes abertas*: ensaio sobre o gozo da matéria, revela-se uma experiência de pura poesia para o leitor, sempre às voltas com uma reflexão que vai além da representação imagética da já mencionada estátua.

Assim, é por meio da apresentação de partes, seja de trechos poéticos, de citações de autores acadêmicos ou de fragmentos bíblicos, como a constante voz de Jesus que atravessa a escrita, retirada do *Livro da Vida*, que o livro se estrutura. Nesse caso, a proposta de fragmento, de construção a partir dos pedaços, das partes que estão abertas, é notada já na maneira como a edição é diagramada. Sem separação de capítulos, ou mesmo seções, as vozes que permeiam a obra são distribuídas em partes curtas, breves, nas páginas, oscilando entre a prosa e a poesia. Soma-se a isso o fato de que, em sua reflexão acerca do gozo da matéria, o ponto de partida é a já citada Santa Teresa d'Ávila, o corpo, o tecido, o texto – partes que, unidas, transformam-se em um todo composto pelo leitor.

Não por acaso, mesmo na parte mais “ensaística” da obra, por assim dizer, a voz em nada se assemelha a dos textos técnicos, de cunho acadêmico, pois é evidente o maior cuidado estético com a linguagem, como dá a ver em: “O mármore goza, a sua imagem disso participa, e sua participação é bem grande; santa [sic] Teresa cede seu corpo pelo texto, e, na direção de um não-saber, que assume sua escrita, ela avança” (Samudio, 2024, p. 90). Por isso, sem que se tenha qualquer pretensão em pensar a teoria do poema em prosa, é evidente que a linguagem alcança uma potência poética, sem se concentrar apenas no sentido referencial das palavras nela contida.

Nesse ponto, deve-se destacar que, em meio ao oscilar entre a prosa e o verso, encontra-se também uma narrativa, a de uma restauradora que, diante da imagem sacra, inicia a apresentação de outras santas, como Santa Inês, jovem mártir do século III, padroeira da castidade. Ao se decidir por colocar na mão da imagem da santa um cordeiro, representante da pureza, uma vez que a moça havia se recusado a se casar com um não-cristão, negando-lhe sua virgindade, há a conclusão de que as escolhas se justificam pela tradição e simbolismo. Contudo, se a decisão parece suficientemente técnica, tendo em vista os parâmetros que a nortearam, na página a seguir tem-se o atravessamento da voz poética, aqui o gozo: “isso umedece se encharca tão logo / esfarela” (Samudio, 2024, p. 21), de modo a revelar a existência de aspectos que vão bastante além do mero símbolo.

Por isso, pode-se notar que essa voz que, muitas vezes, atravessa o texto em prosa, apresenta partes do tecido, do corpo, do gozo em um processo estabelecido a partir da junção da matéria e também da imaginação, como em: “tecido que desliza lentamente pra fora / de si o salto a chama que está / no fogo” (Samudio, 2024, p. 33). Completamente distinta da outra voz, dessa vez em prosa, que se preocupa em apresentar vírgulas, pontos finais e pontos de exclamação ou interrogação, a voz estabelecida a partir do verso da poesia é rebelde, incontrolável, sem se importar em respeitar as convenções da linguagem ao se apresentar sem qualquer sinal de pontuação, o que eleva ainda mais o trabalho com

a escrita proposto por Samudio em sua obra.

Em vista disso, a partir do emprego desses recursos, comprova-se que a mistura de vozes, como a poética e a em prosa, torna possível a junção de elementos comuns do universo prático, tal qual o tecido, com a estética da linguagem. Possivelmente em razão disso, em certo momento, a restauradora percebe que a imagem que tem em mãos tem um cordão amarrado na cintura: “sobre o vestido branco, caía um manto azul claríssimo, recém pintado, amarrado, na cintura, com um cordão” (Samudio, 2024, p. 23). É nesse momento que *Das partes abertas*: ensaio sobre o gozo da matéria toma para si a descrição da obra de arte, em que as dobras, o nó e a matéria transcendem a mera apresentação técnica:

E, aí, ela tocava o nó e as dobras que ele projetava sobre a parte pintada em diferentes tons de azul, que procuravam ressaltar o dentro e o fora do manto, o dentro que, quase fora, com ele se confunde, e o fora, já o dentro, numa travessia que não conhece fronteiras, mas segue, aos poucos, o caminho no gesso [...] (Samudio, 2024, p. 23)

Porém, logo a seguir, o olhar técnico ganha em espaço, quando a restauradora atribui as características ali realçadas ao seu olhar apurado obtido através de outras experiências profissionais, como o fato de ter sido costureira: “[...] é mais fácil atentar para isso: a tinta sobre o tecido grosso deve mostrar de que maneira o tecido se passa aqui, a parte que atravessa a outra, e ainda no gesso, no contínuo branco, isso que aparece florescendo, é a dobra no tecido que o gesso diz e o pincel sublinha” (Samudio, 2024, p. 23). Observe, então, que a fala atribuída à restauradora, por mais que tenha como ponto central um aspecto técnico, embasado a partir de um trabalho com costura, vem carregada de elementos típicos do poético, como o fato de que o gesso diz algo, matéria por si só impossível de ter uma voz, e o pincel, também ele sem voz, recebe a incumbência de sublinhar, isto é, destacar a dobra. A dobra que, sabe-se, já é colocada a ver na capa que estampa a edição, mas, lembra-se, apenas em partes.

Acerca disso, a leitura de *Das partes abertas*: ensaio sobre o gozo da matéria termina por lembrar o que é destacado pelo estudioso James A. W. Heffernan (1993), em seu *Museum of words: the poetics of ekphrasis from Homer to Ashbery*. Sabe-se, é claro, que a relação estabelecida por Samudio a partir das dobras do tecido, das cores e da estátua de Santa Teresa d’Ávila não configura, em si, uma écfrase, o conhecido conceito usado por Heffernan (1993) para se referir à representação verbal de uma representação visual,<sup>1</sup> contudo, é inegável que a relação proporcionada entre o ato de escrever e a obra de arte, bem como os elementos que fazem o intermédio de tal ligação, encontra-se no livro de Samudio.

No caso da publicação em pauta, o que se tem é um deslocamento da representação da escultura de Santa Teresa d’Ávila, com o intuito de propor uma instigante reflexão acerca do gozo, da matéria, do texto e do tecido. A representação buscada por Samudio, portanto, vai bastante além da verbal comentada por Heffernan (1993) em seus estudos, tendo em vista que não se centra em descrever poeticamente a estátua de Bernini, mas de ir transcendê-la, de mostrar, a partir da materialidade do trabalho visual – e também das outras imagens de santas que permeiam a obra, mas sem o mesmo destaque do que é dado para Santa Teresa d’Ávila –, a reflexão sobre o gozo a partir da linguagem poética.

<sup>1</sup> No original, “I propose a definition simple in form but complex in its implication: ekphrasis is the verbal representation of visual representation” (Heffernan, 1993, p. 03).

É, então, por meio de tantas vozes, de imagens, de tecidos, de costuras, de corpos e do gozo, que Jonas Samudio tem condições de escrever um livro que transborda a própria definição, sempre tão burocrática, presente na ficha catalográfica que acompanha a edição. A obra em questão não pode ser simplesmente definida como “Ensaio: Literatura Brasileira”. Isso porque a escrita ensaística é apenas uma parte do livro em questão, é meramente um fragmento, um pedaço, assim como a imagem de Santa Teresa d’Ávila que aparece aos poucos até se revelar por inteira, em seu gozo, em sua matéria, em suas dobras.

## REFERÊNCIAS

HEFFERNAN, James A. W. *Museum of words: the poetics of ekphrasis from Homer to Ashbery*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

SAMUDIO, Jonas. *Das partes abertas: ensaio sobre o gozo da matéria*. Salvador/BA: Amitié Casa Editorial, 2024.